

**Fernando Ressetti P. Marques Vianna**

*Fundação Getúlio Vargas (FGV-EAESP)*

*São Paulo, São Paulo, Brasil*

fvianna2009@hotmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5698-477X>

**Juliana Previatto Baldini Tonon**

*Faculdade de Ciências Sociais e Aplicadas do Paraná (FACET/PR)*

*Curitiba, Paraná, Brasil*

julianabaldini@yahoo.com.br

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7975-8003>

**Leonardo Tonon**

*Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)*

*Curitiba, Paraná, Brasil*

leonardotonon@utfpr.edu.br

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9884-5284>

**Aline Sajnaj Ferreira**

*Universidade Positivo (UP)*

*Curitiba, Paraná, Brasil*

alinesf87@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9095-1296>

"Uma Hora o Trabalho Começou a Atrapalhar": Os Diferentes Sentidos do Trabalho de Um Dependente Químico em Recuperação

"One Hour the Work Started to Get in the Way": The Different Meanings of the Work of a Recovering Drug Addict

**RESUMO**

O objetivo deste estudo é analisar o papel do sentido do trabalho e suas alterações na trajetória de Don, um dependente químico de 35 anos. Adotamos o método de história de vida, para analisarmos o imbricamento entre os sentidos atribuídos por Don aos trabalhos que desenvolveu ao longo da sua trajetória e seu envolvimento com substâncias psicoativas, do início do uso até a recuperação. Por meio desse método observamos que os sentidos atribuídos ao trabalho pelo sujeito são alterados de acordo com cada etapa da sua vida, desde o momento em que só a droga faz sentido até seu tratamento, quando a vida precisa de novos sentidos. Esta pesquisa traz uma contribuição inovadora dentro dos campos do tratamento da dependência química e do mundo do trabalho, por integramos a teoria do sentido do trabalho ao modelo transteórico de mudança em um estudo empírico.

**Palavras-Chave:** sentido do trabalho; dependência química; tratamento da dependência química; história de vida.

**ABSTRACT**

The aim of this study was to analyze the role of the meaning of work and its changes in the trajectory of Don, a 35-year-old drug addict. We adopted the method of life history, to analyze the overlap between the meanings attributed by Don to the works he developed throughout his career and his involvement with psychoactive substances, from the beginning of use to recovery. Through this method we observed that the meanings attributed to work by the subject are altered according to each stage of his life, from the moment when only the drug makes sense, until its treatment, when life needs new meanings. This research brings an innovative contribution within the fields of treatment of chemical dependency and the world of work, as we integrate the theory of the meaning of work with the trans-theoretical model of change in an empirical study.

**Keywords:** Meaning of work; chemical dependency; treatment for chemical dependency; life history.

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Endereço

Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras

29.075-910, Vitória-ES

gestaoeconexoes@gmail.com

<http://www.periodicos.ufes.br/ppgadm>

Coordenação

Programa de Pós-Graduação em

Administração (PPGADM/CCJE/UFES)

Artigo

Recebido em: 07/02/2020

Aceito em: 04/04/2020

Publicado em: 17/06/2020

## Introdução

O objetivo do presente artigo é explorar o sentido do trabalho e as suas transformações ao longo da história de Don, um dependente químico em recuperação e professor universitário. A oportunidade de apresentar a história de um sujeito que passou por três internamentos, três recaídas e se encontra em abstinência há mais de sete anos, permitiu analisar diferentes fases e momentos da sua vida, da sua doença e da sua recuperação. Foi possível, assim, aplicar o recorte do sentido do trabalho nas diferentes fases vividas pelo sujeito objeto deste estudo, e trazer uma nova lente a este tema. Ao longo das falas, percebe-se que Don atribui ao trabalho diferentes sentidos nas variadas fases da sua vida, incluindo a fase antes de desenvolver a doença, passando pela fase da drogadição, até o período de tratamento e recuperação.

O sentido do trabalho tem sido abordado nas pesquisas a partir de delineamentos e epistemologias diferentes. Enquanto os estudos de Antunes (1999, 2015) apresentam uma abordagem antipositivista, Morin (2001) e outros autores adotam uma abordagem positivista com a aplicação de métodos quantitativos, alinhados ao grupo de pesquisas *Meaning of Work International Researches* - MOW (Burrell & Morgan, 2017). No presente trabalho adota-se a abordagem de Antunes (2015), para o qual o sentido do trabalho é um fenômeno que ultrapassa o processo mecanicista ou o resultado econômico do trabalho, e é percebido na própria transformação da natureza em relação àquilo que o sujeito necessita para a vida. Dessa forma, o sentido do trabalho está umbilicalmente relacionado com a subjetividade dos indivíduos, sua história de vida e o impacto que o ambiente e os elementos do trabalho têm sobre eles, podendo inclusive variar entre membros de um mesmo grupo (Dejours, 2012; M. P. de Lima, Tavares, Brito, & Cappelle, 2013).

Por sua vez, a temática da dependência química vem sendo trabalhada sob vertentes diferentes ao longo dos anos. Um dos temas recorrentes em pesquisas sobre dependência química é a importância atribuída ao trabalho como elemento importante no processo de tratamento dos dependentes, ocupando papel central no agravamento da doença (A. C. Z. Ferreira, Borba, Capistrano, Czarnobay, & Maftum, 2015) ou na perspectiva de uma reinserção social (E. B. de Oliveira, M. B. dos Santos, & Guerra, 2019). Segundo Magura, Staines, Blankertz e Madison (2004), a visão da importância do trabalho na recuperação de dependentes químicos é dicotômica, já que existem estudos que o apresentam como fator importante para a recuperação, e estudos que o apresentam como risco para o agravamento da doença.

Pesquisas relacionadas ao sentido do trabalho podem ser desenvolvidas a partir de métodos qualitativos (Gomes & E. C. dos Santos, 2019; Rocha & Martins, 2019) e quantitativos (A. L. Rodrigues, Barrichello, & Morin, 2016; Irigaray, L. B. Oliveira, Barbosa, & Morin, 2019), com foco em diferentes áreas, como estudos com enfermeiros (Brandão, Teixeira, Afonso, Amaral, & Bezerra, 2019) e professores (Boas & Morin, 2016; Irigaray *et al.*, 2019). Para o alcance do objetivo deste trabalho optou-se por um método qualitativo: a história de vida. A opção por esse método de pesquisa se deu devido à possibilidade contatar as imbricações e sobreposições entre aquilo que aconteceu nas esferas pessoal, social, laboral e familiar do sujeito (Pinto, Carreteiro, & Rodriguez, 2015). Apesar de outros autores analisarem a história de vida de homens e mulheres na identificação do sentido do trabalho

(Igaray *et al.*, 2019; Rocha & Martins, 2019), o presente trabalho inova ao adotar o método para analisá-lo em fases diferentes da vida de um dependente químico, desde o início da sua adicção até a fase de manutenção da sua abstinência.

Com a aplicação desse método foi possível identificar não apenas as vivências e a relação de Don com o trabalho, mas também as tensões entre as esferas diferentes da sua vida com o trabalho ao longo do processo de desenvolvimento da doença e do tratamento. Com isso, foram obtidos resultados não observados até então em outros estudos sobre o sentido do trabalho: a sua percepção como elemento apoiador antes e após o tratamento de um transtorno mental, e as suas transformações e ausências em diferentes atividades laborais e momentos da vida de um indivíduo acometido pela doença da dependência química.

O artigo apresenta a seguinte estrutura: nos próximos capítulos são realizadas reflexões sobre o sentido do trabalho e a relação entre dependência química e processo de tratamento, bem como entre processo de tratamento e sentido do trabalho. Em seguida, são descritos o método de história de vida e sua importância para o desenvolvimento do estudo. São explicitadas, então, a história de Don, as diferentes fases da sua vida laboral e a evolução da sua doença ao longo delas. Por fim, é apresentada a conclusão obtida até o momento, pois considera-se que o impacto da dependência química na vida do sujeito e a manutenção da sua abstinência estarão presentes em todas as suas decisões para sempre.

## Fundamentação teórica

### Sentido do trabalho

As pesquisas na área de gestão admitem a utilização de diferentes abordagens epistemológicas e correntes teóricas sobre o sentido do trabalho, todas respaldadas por suas devidas contribuições. Seria possível, entre elas, adotar neste estudo tanto a perspectiva teórica e epistemológica de Antunes (1999, 2015) quanto a de Morin (2008). A diferença entre tais abordagens está no fato de que o primeiro autor observa o trabalho sob uma perspectiva marxista, e aproxima a atividade laboral de uma atividade de subjetivação do indivíduo, enquanto a segunda autora adota uma perspectiva capitalista e de epistemologia positivista, mais adequada a estudos quantitativos, direcionada para questões objetivas (Boas & Morin, 2017). Optou-se por adotar a epistemologia e a perspectiva teórica que permitem considerar o trabalho como uma atividade transformadora da natureza e subjetivada pelo agente transformador (Antunes, 1999, 2015).

Uma vez que o sentido do trabalho é abordado por perspectivas diversas, pode-se associar a palavra trabalho aos seus diferentes significados ao longo da história, a depender dos contextos em que é aplicada e da situação dos indivíduos que a expressam. Para Bottomore (1988) o trabalho pode ser percebido de formas variadas, mas direcionado a um objetivo específico que gera uma troca.

Neste sentido, segundo Antunes (2015), as atividades desempenhadas nos âmbitos da sociedade visam a geração do capital, já que o valor daquilo que é desempenhado pelo indivíduo acaba sendo comparado com o valor atribuído pelo capital a determinado bem necessário. Porém, o autor afirma que o trabalho, em sua essência, é o processo de transformação da natureza naquilo que o trabalhador precisa.

Em sentido semelhante ao atribuído por Antunes (2015), Borges e Yamamoto (2014) e Morse e Weiss (1955) afirmam que é inadequada a redução da palavra trabalho a uma relação contratual ou a simples forma de sobrevivência no mundo capitalista. Entre as definições de trabalho existentes no dicionário, o lugar comum repousa no desempenho de uma dada atividade com um objetivo, com seu desempenho como forma de ganhar a vida sendo apenas uma delas (Jahoda, 1987).

Nesta seara, acrescenta Antunes (1999), trabalho e vida não são dissociáveis, visto que, sob a condição da separação absoluta do trabalho, a alienação assume a forma de perda da sua própria unidade: trabalho e lazer, meios e fins, vida pública e vida privada, entre outras formas de disjunção dos elementos de unidade presentes na sociedade do trabalho. Houve uma transformação da percepção do trabalho com o advento da Revolução Industrial, pois ele deixou de ter seu significado original de atividade ligada à tortura e necessidade, e passou a ser encarado como um bem negociável do indivíduo, como um modo de empoderamento (Enriquez, 2001).

Apesar desse empoderamento relacionado à negociação da força de trabalho, Antunes (1999) afirma que há muitas manifestações de revolta contra os estranhamentos do trabalho, encabeçadas por indivíduos precarizados ou mesmo expulsos do mundo do trabalho e, conseqüentemente, impedidos de experimentar uma vida dotada de algum sentido. Para Dejours (1998) o indivíduo percebe o trabalho como um estado pelo qual se afasta da imagem de vadiagem, sendo possível, inclusive, que ele confira ao trabalho sentidos bastante subjetivos, fantasmagóricos. O autor ainda atribui à capacidade psíquica do indivíduo a produção de satisfação concreta e simbólica do trabalho: a primeira está relacionada à proteção da vida e ao bem-estar físico; a segunda está relacionada ao sentido, desejos e motivações.

Nesse viés, Morse e Weiss (1955) encontraram no seu estudo que mais de 80% dos indivíduos seguiriam trabalhando, mesmo não precisando da remuneração. Tais indivíduos apresentaram como razões para seguir desempenhando a atividade laboral: interesse em se ocupar, saúde por se manter ocupado, prazer naquilo que fazem, justificativa para a existência, ter respeito próprio, possibilidade de ficarem entediados e se manterem longe de problemas.

Para Dejours (2012) e Molinier (2013) o trabalho e a forma como é sentido envolvem aspectos ou fatores diferentes. Entre eles, estão a diferença entre o trabalho prescrito e o trabalho real; a inteligência desenvolvida pelo indivíduo na sua mobilização para o trabalho; a cooperação e a convivialidade entre os indivíduos que desempenham o trabalho; a coordenação como forma de limitação do poder fazer; e as recompensas técnicas ou funcionais e estéticas atribuídas pelos pares.

Assim, Dejours (2012) e Tolfo e Piccinini (2007) mencionam a necessidade de o trabalho possuir um significado a mais do que atividade que relaciona o executor do processo de transformação ao seu objeto. O trabalho não se resume à produção de bens ou serviços, mas também abarca a transformação e a realização do indivíduo ou seu desgaste. Esses sentimentos impactam na construção da subjetividade e acarretam conseqüências para a sua saúde mental (Dejours, 2012). Dessa forma, é preciso aprofundar e expandir os estudos que atribuam o sentido do trabalho a grupos diversos, especialmente àqueles para os quais a atividade laboral é central, ou deixou de ser, levando ao desequilíbrio da vida dos seus integrantes como um todo.

## Dependência química e o processo de tratamento

A dependência química é um problema social, e o ambiente social pode ser um incentivador importante de comportamentos que conduzem o dependente químico ao uso das drogas. O caráter social do consumo de drogas como o álcool, por exemplo, leva à iniciação do seu consumo muito cedo, desde os cinco anos, perdurando até a terceira idade (Campos & R. F. Ferreira, 2007; Herzog & Wendling, 2013). Para Maciel, Melo, Dias, G. L. S. Silva e Gouveia (2014) o dependente químico atravessa um processo de perda de controle dos seus desejos, que compromete o seu convívio social, familiar e laboral.

Neste sentido, a utilização da palavra doença, de acordo com Sousa, Ribeiro, Melo, Maciel e M. X. Oliveira (2013), é válida e justificada por dois aspectos. Primeiro, devido a percepção da Organização Mundial da Saúde (OMS) da dependência química, ao considerar o uso abusivo de drogas uma doença crônica. Segundo, pelo aspecto técnico, pois a dependência química está incluída na Classificação Interna de Doenças (CID-10) e caracterizada no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (*American Psychiatric Association*, 2018, p. 112) da seguinte forma: “conjunto de fenômenos comportamentais, cognitivos e fisiológicos gerados pelo uso incessante, sobre o qual o dependente não tem controle, mesmo diante de suas graves consequências”. Ainda é importante frisar, conforme descrição no mesmo documento, a prioridade que o indivíduo atribui à droga em detrimento de qualquer outro tipo de relação ou obrigação.

Diante desse grave cenário, a recuperação é um processo complexo, e já existem vários estudos que abordam o tema e trazem possibilidades. Para Monteiro (2012) a recuperação é composta por procedimentos, que visam a ‘quebrar’ as crenças e repertórios de vida do indivíduo, aplicando novos processos de socialização e de resignificação do seu papel na sociedade, como a imposição de atividades laborais e a regulação de contatos com familiares.

M. da S. Oliveira, Laranjeira, Araujo, Camilo e Schneider (2003) e Sousa *et al.* (2013) citam o modelo transteórico de mudança, desenvolvido por Prochaska nos anos 1970 e utilizado por Prochaska e DiClemente (1983). Tal modelo é dividido nos estágios de pré-contemplação, contemplação, ação e manutenção. Os autores classificam o estágio de pré-contemplação como aquele no qual o indivíduo não indica intenção de mudança. O estágio de contemplação, por sua vez, é aquele no qual o indivíduo reconhece que pode haver um problema, mas a ambivalência ainda está presente. No estágio de ação ocorre uma ação clara de mudança, inclusive com a adoção de uma estratégia. M. da S. Oliveira *et al.* (2003) e Sousa *et al.* (2013) ainda acrescentam a recaída como outro estágio, mas que não faz parte necessariamente do processo, pois faria o indivíduo retornar ao estágio inicial.

Sobre o último estágio, o da manutenção, M. da S. Oliveira *et al.* (2003), Sousa *et al.* (2013) e Tuller, Rosa, Polli e Catelan-Mainardes (2009) afirmam ser o grande desafio no processo de mudança, no qual deve haver reforço constante de valorização dos ganhos relacionados à decisão do indivíduo, com atenção especial à prevenção da recaída devido a sua recorrência elevada. O baixo envolvimento do indivíduo com o tratamento e a sua dificuldade de identificar fatores motivacionais que justifiquem o seu empenho, acabam gerando um alto índice de recaídas (Sousa *et al.*, 2014).

Büchele, Marcatti e Rabelo (2004) abordam o tema prevenção à recaída, e constatarem que o trabalho, como fator social, pode influenciar no sucesso do

tratamento, bem como a sua falta pode representar um risco maior. Enriquez (2001) atribui ao trabalho o papel de existir do indivíduo, o afastando da depressão. A percepção do trabalho no processo de recuperação do dependente químico foi apresentada por Monteiro (2012) em estudo realizado dentro de uma unidade de tratamento de dependência química. Naquela oportunidade, o autor observou que os dependentes químicos entrevistados atribuíam ao trabalho um sentido de utilidade moral e econômica. Em seguida, são apresentados outros estudos que abordaram a relação entre trabalho e dependência química.

### O sentido do trabalho no processo de recuperação do dependente químico

Ao analisarem as falas de dependentes químicos em recuperação, Crauss e Abaid (2012) verificaram que, entre aqueles que buscaram a internação com foco na mudança, o trabalho aparece nas categorias temáticas que estipularam como fator importante na recuperação. Na categoria denominada ressocialização, as autoras destacaram que eles relacionam o trabalho à oportunidade de lidar corretamente com dinheiro, ser responsável por atividades dentro de uma organização e estar inserido em grupos sociais. Na categoria denominada expectativas pós-alta em busca de uma vida “normal” - trabalhos/estudos, identificaram que eles consideram o trabalho uma forma de ocupar a mente e se manter afastado de ideias relacionadas ao consumo de drogas e à recaídas.

De acordo com Magura *et al.* (2004), é possível que a recuperação seja facilitada no caso de dependentes químicos que desempenham atividades laborais. Tal afirmação é corroborada no estudo feito por Tuller *et al.* (2009) com dependentes químicos em processo de tratamento. Nesse estudo, os dependentes químicos afirmaram que trabalhar era o seu segundo maior desejo, atrás somente do desejo de construir uma família. Em estudo realizado por Campos e R. F. Ferreira (2007) com uso do método de história de vida, um professor alcoolista relata o orgulho e o reconhecimento que sente no trabalho que desenvolve, afirmando ser ele uma motivação relevante para a manutenção da sua recuperação.

A importância do trabalho na vida dos dependentes químicos em recuperação é evidenciada também pelos seus familiares, conforme a pesquisa de E. B. de Oliveira, Santos e Guerra (2019). Os resultados obtidos revelam que apesar das dificuldades do dependente químico relacionadas à continuidade e à permanência no trabalho, atribuídas à possibilidade de recaídas recorrentes, ele é fundamental no processo de reinserção social e de manutenção da abstinência.

### Metodologia

Foi realizado um estudo de natureza qualitativa, no qual se aborda o sentido do trabalho nas diferentes fases percorridas pelo dependente químico. Em pesquisas relacionadas à temática podem ser adotados tanto métodos qualitativos (Gomes & E. C. dos Santos, 2019; Rocha & Martins, 2019) quanto quantitativos (A. L. Rodrigues *et al.*, 2016; Igaray *et al.*, 2019), com abordagem de áreas variadas para a análise de sujeitos com profissões diferentes, como enfermeiros (Brandão *et al.*, 2019) e professores (Boas & Morin, 2016; Igaray *et al.*, 2019). Neste sentido, optamos por uma abordagem qualitativa, tendo por base a aplicação do método de história de vida.

A opção por um método qualitativo ocorreu por se tratar de uma doença com consequências que impactam em áreas diferentes da vida, como a social, a familiar e a do trabalho. É possível afirmar que nenhum caso é igual ao outro. Dessa forma, a pesquisa qualitativa se justifica por permitir buscar a compreensão de um caso único, permeado de peculiaridades, e que não pode ser analisado à luz de uma epistemologia generalizante (Goldenberg, 2007). Nela o comprometimento com o sujeito, com o grupo de sujeitos pesquisado ou com a parcela da sociedade afetada pela pesquisa afasta a neutralidade do pesquisador (A. P. Silva, C. R. Barros, Nogueira, & V. A. Barros, 2007). Sendo assim, as categorias e análises efetuadas não são taxativas, mas fruto do envolvimento dos pesquisadores com o sujeito e sua história.

O método de história de vida já foi utilizado anteriormente em estudos sobre a dependência química, nos quais se abordavam temas como o vazio existencial de adolescentes dependentes químicos (I. S. Lima, Paliarin, Zaleski, & Arantes, 2008), de mulheres usuárias de álcool e crack (Marangoni & M. L. F. de Oliveira, 2012; Nóbrega & E. M. de Oliveira, 2005) e a relação entre trabalho e dependência do álcool (Lopes & Paula, 2017). A presente investigação inova ao se adotar o método de história de vida para analisar o sentido do trabalho em fases diferentes da vida de um dependente químico, desde o início da sua adicção até a manutenção da sua abstinência.

Neste estudo, a importância da história de vida se dá por aquilo que Pinto, Carreiro e Rodriguez (2015, p. 977) definem como “evidenciar o que foi vivido por esse sujeito, recuperando memórias e experiências, penetrando em sua trajetória e compreendendo a dinâmica das relações que estabeleceu ao longo de sua existência”. Os autores continuam, afirmando que “nessa direção, o sujeito é sempre considerado nas imbricações das diversas relações que estabelece, sejam elas profissionais, amorosas, familiares, ao longo de sua trajetória de vida” (Pinto, Carreiro, & Rodriguez, 2015, p. 977).

Neste tipo de pesquisa, de acordo com Goldemberg (1997), o pesquisador desempenha um papel bastante relevante, tendo em vista que acaba sendo sujeito e objeto. Para a autora ele só poderá compreender os significados dos fenômenos particulares que estuda a partir do momento em que participa deste mundo, pois tais significados são produzidos pelas interações sociais construídas ao longo da vida dos sujeitos investigados.

O sujeito da pesquisa é chamado aqui de Don, em referência à personagem Don Birman do filme norte-americano *The lost weekend* (em português, *Farrapo humano*), de 1945, dirigido por Billy Wilder (Brackett & Wilder, 1945). No filme, Ray Milland interpreta um alcoolista, tomado pela doença da dependência do álcool. Sua relação com os indivíduos que o cercam e as estratégias que formula para consumir a droga são apresentadas no filme como poucas vezes se vê no cinema ou na televisão. A sugestão do uso do pseudônimo foi do próprio entrevistado, que viu o filme na clínica em que foi internado.

As histórias foram recolhidas em três encontros realizados entre os pesquisadores e Don Birman ao longo do ano de 2017, em cafés na cidade de Curitiba, Paraná. Cada entrevista durou entre uma e duas horas. O contato com Don aconteceu pelo fato de um dos pesquisadores ter atuado como assessor de imprensa de uma clínica especializada em tratamento de transtorno obsessivo compulsivo (TOC) durante três anos e ter acesso aos pacientes. Após o

encerramento das atividades da clínica, Don foi contatado com a autorização e por intermédio das suas psicólogas de referência na clínica.

Seguindo a orientação de Lopes (2013), não foi elaborado um roteiro de entrevista, e Don foi convidado a contar a sua história. No decorrer dos encontros algumas dúvidas a respeito de pontos específicos foram exploradas, desde que Don concordasse. Sendo assim, o tema trabalho acabou sendo abordado por Don durante o seu relato, possibilitando estabelecer o recorte apresentado a seguir. Tal recorte foi necessário devido ao objetivo da investigação, que é o de apresentar, ao longo da história de vida de Don, os diferentes sentidos atribuídos por ele ao trabalho. O resultado é evidenciado no texto por meio das falas de Don e da relação com a literatura empregada para a elaboração da pesquisa. Na sequência, é apresentado um breve relato sobre a vida de Don antes de se adentrar no escopo do estudo.

## A história de Don

Don é um homem de 34 anos, solteiro e noivo. Pertence a uma família de classe média, tem um irmão e sempre morou com os pais, casados há mais de 35 anos. Ele relatou haver alguns casos de alcoolismo e dependência de outras drogas na família da mãe. Após o seu internamento, sua mãe e seu irmão também apresentaram problemas de abuso de álcool e anfetamina. Eles foram tratados sem necessidade de internamento, mas com acompanhamento psicológico e psiquiátrico.

O consumo de drogas ilícitas por Don se iniciou quando ele tinha 19 anos, no transcorrer do segundo ano da faculdade de administração, cursada em uma instituição privada de Curitiba. Ele relatou que, até aquele momento, nunca havia consumido drogas ilícitas e não possuía o hábito de tomar bebida alcoólica, mas fumava cigarros desde os 15 anos. Após “tomar um porre” no primeiro churrasco da faculdade e se embriagar novamente no mesmo ano, durante um show no qual estava acompanhado por colegas, passou muito mal e decidiu “parar de beber”.

Desta forma, Don decidiu experimentar maconha no segundo ano da faculdade. Ele afirmou que sabia do consumo da droga por parte de colegas da faculdade e que, na época, achava o seu trabalho como escriturário de um banco particular “chato e rotineiro”. Por isso, precisava extravasar de alguma forma. Após experimentar a droga, ele decidiu que a consumiria de maneira recreativa.

O uso recreativo evoluiu rapidamente para o abuso e dependência da maconha. Don logo passou a consumir drogas como haxixe, LSD (dietilamida do ácido lisérgico) e outras substâncias sintéticas até chegar à cocaína. Ele afirmou que nunca consumiu crack, “porque nunca me ofereceram, porque do jeito que eu [estava, não havia condições]”. Portanto, ele consumiu drogas dos 19 aos 28 anos. O seu primeiro internamento em uma clínica de tratamento de TOC e de outros transtornos mentais ocorreu aos 26 anos.

Apesar de relatar vários episódios nos quais a sua família encontrou maconha escondida na sua casa e isso gerou inúmeros conflitos, Don acredita que havia um conformismo dela quanto ao seu consumo, já que “não bebia e não dava trabalho”. Contudo, afirmou que a sua doença se agravou após iniciar o consumo de cocaína e conseguir um fornecedor fixo da droga, residente em um bairro nobre da cidade.

O consumo de cocaína desencadeou um processo, no qual Don passou a roubar dinheiro para conseguir comprar droga da conta de uma tia-avó da qual sua



mãe cuidava, da conta do escritório da sua família, e furtar, repetidas vezes, o cartão do pai. Ele chegou a furtar o cartão do pai semanalmente. Junto com os furtos surgiram as mentiras e os conflitos marcantes com os pais, principalmente com a mãe. De tanto Don chamá-la de louca, ela buscou a ajuda de um psiquiatra, em 2008. Mediante os seus relatos, o psiquiatra foi enfático ao dizer que o filho precisava ser internado ou morreria. Por coincidência, o mesmo psiquiatra era responsável pelo atendimento psiquiátrico na clínica onde Don foi internado.

Antes do seu internamento, ele passou por problemas de saúde que quase resultaram em uma amputação de uma das pernas. Segundo o seu relato, tais problemas poderiam levá-lo a óbito. Don passou por uma cirurgia de hérnia inguinal e por outras duas para reparação de problemas de infecções e de pós-operatórios inadequados. Cerca de uma semana após o seu primeiro internamento na clínica psiquiátrica e a consequente cessão do uso de drogas, pelo menos naquele momento, os pontos da cirurgia cicatrizaram completamente.

Don passou por três internamentos entre os anos de 2008 e 2010. O primeiro, iniciado em novembro de 2008, durou aproximadamente 70 dias; o segundo, em abril de 2009, foi de 15 dias; o último, em março de 2010, durou 30 dias. Os dois últimos internamentos ocorreram para interromper recaídas. Ele ainda teve uma última recaída em junho de 2010, que não resultou em novo internamento. Todos os internamentos aconteceram em uma clínica particular, à qual ele teve acesso devido ao convênio do plano de saúde. O plano de saúde também cobriu as atividades de pós-tratamento realizadas na mesma clínica.

Atualmente, Don é professor universitário e está em abstinência há pouco mais de sete anos. Ao longo do seu tratamento, foi voluntário por sete anos na clínica na qual foi internado, e participou de encontros com jovens em escolas públicas para falar da sua dependência e tirar dúvidas dos jovens sobre a doença. Até hoje mantém contato com a sua psicóloga e o seu psiquiatra.

### Do primeiro emprego ao primeiro internamento: “chegou uma hora que o trabalho começou a atrapalhar”

Devido a sua condição privilegiada, Don passou o primeiro semestre de faculdade sem ter um emprego, mas com bom desempenho acadêmico. No segundo semestre, o desempenho acadêmico se manteve bom, e ele começou a buscar estágios na área de administração. A sua vida profissional foi iniciada quando ele ainda estava no segundo grau, aos 16 anos, em que trabalhou entregando panfletos com alguns amigos pelas ruas de Curitiba. De acordo com Don, aquele trabalho era algo para estar com eles e “tirar um dinheirinho perto do Natal.”

No segundo semestre da faculdade, por meio de um contato do seu avô, ele conseguiu emprego em uma livraria para trabalhar como assistente do Centro de Processamento de Dados (CPD). O trabalho era registrado em carteira, pelo qual recebia dois salários mínimos, e a sua atividade principal consistia em cadastrar os livros recebidos e atualizar os seus valores no sistema. Don ficou nesse emprego por duas semanas. Saiu devido à atividade ser muito rotineira e não ser da área de administração. Ele afirmou que “achava que era melhor que aquilo [o trabalho]” e melhor que seus colegas da livraria. A família concordou que o trabalho estava aquém de suas capacidades e anseios, e apoiou a sua saída.

Don continuou procurando estágios, até que um amigo da faculdade, que trabalhava em um banco, pediu o seu currículo, pois o banco expandiria seu número de agências no Paraná e ofereceria oportunidades para universitários. Segundo o seu relato, “na época eu era meio que uma referência na minha sala [de aula], sabe? Eu não ia para a farra, não bebia, não usava drogas, ia bem na faculdade”. Pouco tempo depois, ele foi chamado para participar do processo seletivo e, sob a orientação do amigo que o indicou, mentiu na entrevista, falando aquilo que a empresa queria ouvir: “Falei até que era de igreja e tal, que ia na missa direto”. Foi aprovado e começou a trabalhar em 2 de janeiro de 2001.

A família se orgulhava da sua carreira de bancário: “meu pai era bancário, meu avô era bancário[...] tipo, ser bancário na minha família, era sinônimo de sucesso na vida. Pelo menos de estabilidade. Rolava um orgulho sim”. No começo, também havia um apreço grande pelo retorno financeiro do emprego, e por aquilo que lhe proporcionava.

Veja, eu tinha 19 anos, não pagava nenhuma conta e o [dinheiro] que entrava só era para mim. Lembro que dava para comprar tudo o que eu queria, ainda pagava um monte de coisa para os meus amigos. Quando saíamos, era sempre eu que pagava quando alguém não tinha grana. Comprei celular na época, um monte de CD. Impressionante é que eu não guardava nada. Zero. Comprei presente para minha família. Enfim, era assim. Isso era legal.

No entanto, Don relatou que o trabalho em banco pode ser muito duro emocionalmente, sobretudo pela questão de vendas casadas e metas para vendas, mas não atribuiu a isso sua saída: “não foi por isso que não deu certo. Mas que é cruel, é”.

Mesmo com o bom salário e o orgulho da família, Don afirmou que em determinado final de semana estava se sentindo entediado. No sábado, estava em casa, sem nada para fazer, e decidiu experimentar maconha. Conforme o seu relato, “até hoje eu não sei por que. Assim, eu acredito que tenha a ver com alguma coisa do trabalho no banco [que] era muito rotineiro, e eu peguei e fui [experimentar maconha]”. Naquela noite, ele entrou em contato com colegas da faculdade que consumiam a droga, e foi até um churrasco com eles para usar. Após experimentá-la, aos 19 anos, voltou para casa, e decidiu que começaria a consumi-la eventualmente, de forma recreativa. Ele pensou: “ah, eu não bebo, então vai ser bom para desestressar”.

O uso recreativo somente aos finais de semana, logo foi substituído pelo uso diário. Don disse: “na semana seguinte [à que experimentei] eu já comprei 50 gramas de maconha”. O consumo abusivo começou a comprometer o seu desempenho no trabalho, mas a percepção que ele tinha era inversa, a de que o trabalho começava a atrapalhar a sua vida. Nas suas palavras, “eu lembro que ia trabalhar de táxi, porque chegava atrasado; daí voltava de taxi, porque queria chegar em casa para fumar. E daí é aquela, né, o trabalho começou a atrapalhar. Quanto mais eu fumava [maconha], menos eu gostava do trabalho”.

Logo, o orgulho familiar e o retorno pecuniário, que inicialmente foram relevantes para a sua manutenção no emprego, já não eram mais interessantes. O trabalho passou a ocupar o papel de obstáculo. Dessa forma, Don decidiu pedir demissão do banco. Na semana anterior ao pedido de demissão, ele envolveu a família em uma situação de mentira para poder acompanhá-los em uma viagem à

praia. A mãe ligou para o banco no qual trabalhava, e contou uma mentira idealizada por ele, o que permitiu que fosse liberado do trabalho na sexta-feira. Na segunda-feira, ele pediu demissão. Don relatou que “na segunda-feira, eu também não fui trabalhar, porque eu tinha fumado um monte de maconha no domingo. [Na] segunda-feira, eu liguei para os meus pais e disse: ‘ó, eu vou parar de trabalhar no banco’, e eu falei para o meu pai que eu não queria ter a vida dele”.

Apesar do que falou na época, Don afirma, hoje, que gostaria de ser metade do que seu pai é. Porém, ele pediu demissão do banco com o apoio dos pais. “Meu pai me disse: ‘olha, não tem o que fazer, você tem 19 anos. Faz o que você quiser’. Lembro que ele ainda disse: ‘faz o seguinte, pede a conta e venha para a praia ficar com a gente aqui’”.

Então, Don ficou na praia com os pais, sem emprego. Foi nesse cenário que ocorreu o primeiro flagrante do seu uso de drogas pelos pais. Era o começo do ano de 2002. Ele relatou que houve uma discussão intensa sobre a questão na sua casa, além de uma briga rápida. Mas sem grande repercussão depois, pois isto não foi considerado pelos seus pais um problema grave. Segundo Don, “você está com um filho de 19 anos, que teoricamente nunca deu muito problema [...] então fica naquela, [os pais dizem:] ‘ah, experimentou mesmo, foi algo pontual’. Mas, a partir dali, eu comecei a fumar ainda mais maconha”.

Don afirmou que, por volta de meados de 2002, seus círculos de amizade na faculdade mudaram, assim como o seu desempenho, que era um grande orgulho e referência para os colegas de classe. Conforme o seu relato, “no segundo semestre do terceiro ano, eu reprovei numa matéria, mas eu consegui fazê-la depois. Só que, [...] no quarto ano, eu acho que foi no último semestre, eu já [estava] muito envolvido com muitas pessoas da faculdade e todas fumavam maconha, né [...] ou grande parte delas [...] quase todas”. Portanto, ele relacionou o seu comprometimento do desempenho na faculdade à evolução do uso de drogas: “a gente fumava maconha antes da aula, no intervalo da aula e depois da aula. Então, na verdade, eu não ia para a aula, para a aula, eu ia para fumar maconha”.

Aproximadamente no ano de 2003, Don passou a apresentar um comportamento bastante contraditório quanto à sua decisão de se demitir do banco, que havia sido baseada no discurso de não querer seguir o caminho do pai. Por precisar cumprir as horas de estágio para a conclusão da faculdade, ele foi trabalhar como estagiário no banco em que o seu pai trabalhava, conseguindo ocupar o cargo por influência dele. Don esclareceu que o pai “tinha cargo de executivo [no banco] e trabalhava em Brasília na época. Assim, para eu conseguir o emprego e ninguém me encher, estava perfeito”.

Nessa passagem, é possível perceber que o objetivo de Don não era mais ser diferente do pai ou buscar novos desafios, mas achar o emprego que melhor se adequasse à sua rotina com o uso de droga. Pouco tempo após começar o estágio, sua função foi praticamente extinta. A sua tarefa principal, que era a de conferir vales-refeição, deixou de existir devido à substituição dos vales de papel por vales em cartão: “daí, quando migrou para cartão, fiquei sem nada para fazer. E ninguém ia me mandar embora por causa do meu pai. E [...] eu faltava um monte, me atrasava. Daí ia compensar à tarde, ia trabalhar drogado [...] eu comecei a fazer meus horários”.

O contrato do estágio finalizou aproximadamente no ano de 2004. Nessa época, o pai de Don saiu do banco, e montou um escritório de advocacia junto com outro filho e mais um sócio. De acordo com o relato de Don, a ideia da sua família

era que ele fosse o gestor do negócio e tivesse uma função estratégica: “daí eu ia ser o administrativo do escritório. E assim, na teoria, era eu. Mas eu não fazia nada além de pagar contas. Eu sempre falava que ia fazer um monte de coisas, mas nem fazia”. A sua mãe percebeu que ele não estava dando conta do trabalho, e saiu do seu emprego como professora para auxiliar na administração do escritório. Segundo ele, “chegou uma hora que minha mãe percebeu [que eu não dava conta do trabalho], e ela queria parar de dar aula[.] Ela parou e já foi para o escritório, porque já tinha dado problema com falta de pagamento de imposto e tal”.

Em 2007, Don já estava usando LSD, e começou a consumir cocaína. Em todos os seus relatos, é possível perceber o padrão de dependência. Quando começou a usar maconha, na semana seguinte comprou 50 gramas da droga; quando começou a consumir LSD, na semana seguinte comprou 20 unidades da droga; por fim, experimentou cocaína em uma quarta-feira, e na sexta-feira posterior voltou ao mesmo local para consumir mais.

Recordando o período em que passou a consumir drogas sintéticas e cocaína, Don utilizou como figura de linguagem a de um escravo das drogas: “eu lembro sempre que durante um tempo eu usava uma figura de linguagem que era a de eu, literalmente, colocar uma bola de ferro no meu pé [quando passei a usar cocaína].” E afirmou que “daí a coisa degradingolou”, quando conseguiu o contato de um fornecedor de cocaína, morador de um bairro nobre de Curitiba, pois ele “não gostava de ir na favela”. Ele relacionou o momento mais crítico da sua drogadição, o momento em que problemas mais sérios começaram a ocorrer, com aquele em que perdeu o controle que imaginava ter sobre o uso.

Com o consumo diário de cocaína, aliado ao seu custo elevado, Don passou a roubar dinheiro de uma tia-avó da qual sua mãe cuidava. Também passou a furto o cartão de crédito do pai para saques, e a usar o cartão do escritório para financiar a compra das drogas. Seu comportamento foi mudando radicalmente, mesmo em relação ao comportamento anterior de usuário de maconha. Como tinha que consumir sempre, ele procurava não ficar em casa, e usava o trabalho no escritório como desculpa, como explica abaixo.

No escritório, eu comecei a trabalhar depois de meio dia, e eu dizia que, como o telefone tocava muito, eu só conseguia trabalhar depois das seis da tarde, porque daí não tinha mais ninguém lá e eu podia elaborar o planejamento do escritório. E, daí, eu ficava de madrugada lá [...] usando droga.

Os inúmeros conflitos gerados pelo seu comportamento, os flagrantes de furto pela família e o desgaste da relação familiar foram parte dos reflexos do consumo de drogas em todas as áreas da vida de Don. Dessa forma, em novembro de 2008 ele foi internado em uma clínica de reabilitação, especializada no tratamento do TOC e de outros transtornos mentais. A situação limite, que culminou no seu internamento, ocorreu quando a sua mãe o flagrou furtando dinheiro da carteira do pai dele. Mesmo com a defesa constante do pai e do irmão até aquele período, essa situação foi insustentável.

## O tratamento de dependência química e o trabalho: “no trabalho pude reconstruir minha identidade[,] me viam lá como uma pessoa correta”

Ao relatar o momento em que foi internado, Don contou que se encontrava em uma fase na qual não fazia mais nada além de usar droga. Quando entrou na clínica e lhe deram toalha e sabonete para tomar banho, ele ficou sem ação: “não sabia exatamente o que fazer, porque há algum tempo eu não tomava mais banho. Digo assim, só tomar banho. Eu entrava no banheiro ‘para tomar banho’ todos os dias, mas era para ficar cheirando cocaína”.

Após o primeiro internamento, Don não retornou ao trabalho. Seu foco era só o tratamento. Todos os dias ele exercia atividades terapêuticas na mesma clínica em que foi internado, em alguns dias da semana participava de grupos terapêuticos à noite, além de se consultar com a sua psicóloga semanalmente. A família o vigiava e o levava para o escritório, mas ele fazia poucas coisas lá, sempre tarefas sem importância, responsabilidade e acesso a dinheiro. Em pouco tempo, ele começou a sair à noite com o irmão, e viu tais situações como oportunidades de retomar o uso de droga. Conforme descreve, “pouco tempo depois do primeiro internamento [...] nem deu tempo de nada [...] de trabalho[...] daí, do segundo internamento para o terceiro [...] eu fiquei dez meses limpo [...] as pessoas vão confiando né [...] eu ia no escritório e tal”.

O fato de passar a ir ao escritório da família e, eventualmente, auxiliar em uma ou outra tarefa pontual, estabeleceu uma confiança, usada por Don para viabilizar a sua recaída. Antes de completar três meses que estava abstinente, ele aproveitou o desconhecimento do avô do tratamento para pegar dinheiro e ficar algumas horas sem vigilância. A recaída durou poucas horas, e ele voltou para a clínica. O segundo internamento durou quinze dias por se tratar de uma intervenção: “eu sabia que não conseguia lidar com aquilo. Mas eu pensava que precisava usar pela última vez. Mas não foi a última, né”.

Depois do segundo internamento, Don se manteve em abstinência por dez meses. Seguiu desempenhando poucas tarefas no escritório com o objetivo de reconquistar a confiança da família. O único trabalho regular que desempenhou foi como voluntário na clínica. Ele admitiu que tal trabalho era para ganhar a confiança da família e dos profissionais que o assistiam inclusive dentro da própria clínica, atuando como uma espécie de paciente modelo: “eu era o cara com dez meses de abstinência. Tinha cara ali que não ficava nem uma semana [em abstinência]. E isso acaba servindo [...] assim, você tem que ter referência, e eu me achava uma”.

A segunda recaída durou duas semanas. Don voltou a mentir e furtar dinheiro e cartões de crédito da família, até não conseguir mais esconder a situação. O terceiro internamento durou 30 dias.

Eu lembro que quando cheguei na clínica para ser internado novamente [...] minha família sofria demais em cada [internamento]. E eu lembro que falei para a psicóloga de plantão que não sabia qual era a linha em que acabava a doença e começava a sem vergonhice. Só que [...] muito tempo depois que eu percebi. Eu preferia ser sem vergonha do que ser um doente.

Após o terceiro internamento, a família e a psicóloga de Don decidiram que ele devia começar a trabalhar fora do escritório da família. Quando ele saiu do primeiro internamento, foi a uma entrevista na indústria de um amigo do seu pai, mas alegou,

na época, que não estava preparado para trabalhar. Don afirmou que o fato de não se sentir preparado para o trabalho foi visto então pela psicóloga e pela família como algo positivo, pois aparentava preocupação com a sua saúde mental. No entanto, naquele momento o seu receio foi ter que cumprir ordens, horário, se comprometer, e, nas suas palavras, “não poder recair”. Porém, após dois recaídas e três internamentos a situação mudou. O trabalho foi visto como último recurso de apoio à sua abstinência. Sendo assim, o pai de Don falou novamente com o amigo, e conseguiu um emprego para ele na indústria.

[O dono da empresa] falou que eu ia começar no chão [de fábrica] e foi onde comecei. E era complicado porque tinha uma coisa em mim [...] um orgulho [...] de ser o filhinho da mamãe, que nunca pegou no pesado [...] e com graduação [...] trabalhando igual a orelha...seca [ou trabalhador de mão de obra barata] mas foi ótimo.

Mesmo com o trabalho na indústria, Don continuou alimentando a esperança de poder usar droga de maneira controlada. Mas sofreu nova recaída quando estava trabalhando há dois meses.

O meu objetivo [...] era poder usar um pouco [na sexta-feira] depois da visita de voluntariado, usar mais um pouco sábado, e domingo estar [sossegado] daí segunda ir para a clínica [...] trabalhar bem e ir para a clínica no grupo de voluntariado [...] mas, daí, um dia eu percebi que não dava [...] na verdade eu nunca consegui isso.

A última recaída não resultou em internamento, mas na descrença completa da família e do próprio Don na sua recuperação. Apesar da situação bastante complicada, ele começou a viver no trabalho situações diferentes das que vivia até então: “eu comecei a ver que quanto mais distante eu [estava] da droga, mais resultados eu tinha na vida”. Don relatou que, nesse momento, finalmente começou a notar que não poderia usar droga de forma controlada, e que, para consumi-la, teria que abrir mão das suas conquistas, especialmente no trabalho.

Eu não conseguia segurar minha onda de usar um pouco e voltar para casa como se nada tivesse acontecido. E [perceber tal incapacidade] acabou comigo, por um lado. Foi como se eu percebesse ou tomasse tento de que eu era um dependente químico, que não conseguia usar um pouquinho [de droga].

Como na indústria em que trabalhava apenas algumas pessoas do nível gerencial e estratégico sabiam da sua dependência e tratamento, Don era visto como alguém trabalhador, conforme relatou: “pude reconstruir minha identidade lá dentro. Porque como eu não saía, não bebia, não mentia, sempre cumpria horário e tal, me viam lá como uma pessoa correta. E fazia algum tempo que eu não era visto assim [...] nem sei quando [fui visto como uma pessoa correta]”. Ele era considerado um bom funcionário, chegando a ser disputado por setores dentro da empresa. Sua dedicação gerou frutos como promoções e o pagamento pela empresa de um curso de especialização na área em que atuava.

Apesar disso, Don descreveu situações que denotam falta de preparo da empresa na relação com o dependente químico em recuperação. Na avaliação de desempenho, “o meu gerente chegava e dizia: ‘olha, [está] tudo ótimo aqui, só que

eu vou fazer uma anotação aqui e baixar sua nota, porque você sai mais cedo às segundas-feiras””. No entanto, as saídas eram combinadas com o dono, pois a sua participação em grupos terapêuticos contribuía inclusive para o seu bom desempenho. Este tipo de situação, de acordo com Don, pode ser utilizada como justificativa ou fator facilitador para o dependente que busca um motivo para largar o tratamento.

Don também comentou sobre as festas de final de ano da empresa. Mesmo em organizações nas quais se apoia o funcionário dependente químico e seu tratamento, ele tem que participar de festas ofertadas em ambiente não protetivo, com disponibilidade de bebidas alcoólicas. Don relatou que vivia isso e ouvia relatos semelhantes de pacientes internados na clínica, quando fazia visitas como voluntário. Ele contou, ainda, que em uma dessas festas o seu gerente, que sabia do seu tratamento, ficou embriagado e ordenou-lhe que enchesse o seu copo de cerveja, afirmando, em tom jocoso, que a sua promoção dependia disso.

Depois de mais de dois anos trabalhando na empresa, Don decidiu, junto com a psicóloga e a família, sair de lá para prestar concurso público: “eu não tinha para onde ir lá [como crescer profissionalmente], só a família do dono que ocupava os cargos gerenciais e estratégicos [...]. Então eu saí para fazer concurso”. Quando saiu, prestou concursos na área de administração, entre eles para professor substituto do curso de administração da Produção de uma universidade federal. Foi aprovado, começou a dar aula e ingressou no mestrado: “eu gostei muito de dar aula, é ‘animal’. E, daí, eu tinha que estudar para montar aula, e eu começava a ver na teoria aquilo que eu fazia na prática, quando [estava] na indústria”. Ele afirmou sentir certo receio de seguir a carreira acadêmica, já que, quando começou a namorar a esposa atual, era um concurseiro que buscava um emprego estável. Relatou ser difícil, “de repente, eu falar que ia fazer mestrado e começar uma carreira do zero, mas ela me apoiou demais”.

## Diferentes fases da vida, diferentes sentidos do trabalho

É possível observar que Don atravessou momentos bastante diversos na sua trajetória, até mesmo com referência ao trabalho e aos sentidos atribuídos às atividades que desempenhou. Utilizando como base o modelo transteórico de mudança de Prochaska e DiClemente (1983), buscamos verificar a possibilidade dele atribuir sentidos diferentes ao trabalho de acordo com o seu momento de vida, inclusive com percepções variadas de um mesmo trabalho, como o de voluntário.

Iniciamos a análise do sentido do trabalho na fase anterior ao tratamento, quando Don começou a sua vida profissional, e seguimos com o acompanhamento e análise do início do uso de drogas e do efeito nas suas escolhas e desempenhos laborais. Em um primeiro momento, quando falou sobre o emprego no CPD da livraria, ele relatou que as atividades estavam abaixo da sua capacidade. Essa visão tira o sentido da simples relação contratual, como afirmam Borges e Yamamoto (2014) e Morse e Weiss (1955), e mostra um indivíduo preocupado com o seu aprendizado e capacidade de desempenhar um trabalho mais complexo.

Em seguida, quando relatou o trabalho no banco, Don o relacionou inicialmente aos sentimentos de orgulho familiar pela carreira de bancário e de apreço pelo retorno financeiro. Esses sentimentos vão ao encontro de ideias sobre o retorno financeiro pelo trabalho desempenhado em uma sociedade capitalista (Antunes, 1999; Enriquez, 2001), e o orgulho como retorno gerado pela atividade (Bottomore,

1988). No entanto, ao longo do tempo, aparentemente tais fatores foram substituídos por uma ausência de satisfação simbólica. A ausência foi percebida por Don no seu trabalho de bancário, que consistia, segundo o seu relato, em repetir depósito ou saque em uma sala de autoatendimento e alcançar metas de vendas.

Situações como essa não são uma novidade e o trabalho de bancário é foco de vários estudos, inclusive sobre a relação com a dependência química. A. F. Rodrigues *et al.* (2016) verificam que a pressão dos níveis hierárquicos superiores e o alcance de metas são fatores que contribuem para o aparecimento de doenças mentais em bancários. O estresse ocupacional também está presente na atividade, até mesmo como um elemento causador de adoecimento nessa classe de trabalhadores (Gaviraghi, Antoni, Amazarray, & Schaefer, 2016).

Don relacionou o início do uso de maconha com a insatisfação no trabalho, que acabou evoluindo rapidamente para o seu consumo diário. Em paralelo, ele deixou o trabalho no banco como contratado, pois passou a atrapalhar o seu uso. Na sequência, ele aceitou ser estagiário de um banco no qual o pai ocupava uma posição respeitosa com o objetivo de “ninguém encher”. Neste momento observamos a evolução da dependência química a partir do sentido do trabalho. Don compromete a relevância da atividade laboral na sua vida, ao priorizar a sua relação com a droga em detrimento da sua capacidade como estudante e profissional, idealizada antes de iniciar o seu consumo, o que, de certo modo, se alinha aos estudos de Maciel *et al.*, (2014) e Sousa *et al.* (2013).

À medida que o consumo e o abuso de drogas evoluem, modifica-se também a capacidade de Don de desenvolver e manter relacionamentos familiares e sociais. Quando o uso de LSD e cocaína passa a permear a sua vida, ocorre o avanço da síndrome de dependência, como mencionada por Maciel *et al.* (2014). A evolução da sua relação com as drogas, principalmente com a cocaína, e todas as suas consequências, fez com que descrevesse o sentido da atuação no escritório da família como “desculpa para usar” e forma de financiar o vício. Ele não apresentava qualquer capacidade de trabalho, tanto que afirmou não saber mais sequer tomar banho sem usar a droga.

Com o internamento, parece que Don compreendeu a distorção do seu comportamento, que algo precisava mudar, mas ainda com ambivalência. Tal ambivalência esteve presente até o momento da última recaída na forma de um desejo de uso moderado, de obter controle sobre o consumo de droga. Esta fase é caracterizada na literatura como a fase de contemplação (M. da S. Oliveira *et al.*, 2003; Prochaska & DiClemente, 1983; Sousa *et al.*, 2013). Nela Don passou a utilizar o único trabalho que desempenhava regularmente, o de voluntário, em prol da sua doença, para mostrar à família e à si próprio que era menos doente que outros dependentes químicos.

Tal comportamento continuou, até ele perceber que não conseguia controlar o uso de droga como tanto desejava: “daí, um dia, eu percebi que não dava isso [...] na verdade eu nunca consegui isso”. Ao longo do relato de Don, verifica-se que a fase do tratamento classificada como ação por Prochaska e DiClemente (1983) é fortalecida quando ele conta a sua vontade de usar drogas e suas estratégias de recaída à família, à psicóloga e aos membros dos grupos de apoio: “o sentimento que eu tive quando eu falei foi tão bom”. Ele ainda afirmou ter a impressão de que, pela primeira vez, venceu a droga.

A mudança de atitude de Don e a sua adoção de uma nova estratégia na condução do tratamento ocorreram por dois motivos: o primeiro foi o fato dele se



conscientizar de que não conseguia usar pouca quantidade de droga; e o segundo foi ele perceber que o uso poderia estragar o que havia conquistado no trabalho, sua nova identidade e respeito adquiridos. Ele atribuiu aos pais e à psicóloga a responsabilidade por fazê-lo perceber o trabalho como último recurso em prol da sua abstinência. Esse olhar sobre o trabalho como forma de distração, produtividade e afirmação de capacidade confirma relatos de familiares de dependentes químicos mostrados em outros estudos, como o de E. B. de Oliveira *et al.* (2019).

Foi possível identificar nessa etapa da vida de Don a sua satisfação com o trabalho, além da relação do trabalho com sentimentos de orgulho e reconhecimento. De certo modo, portanto, é possível afirmar que, semelhante ao que foi apontado por Campos e R. F. Ferreira (2007) e Tuller *et al.* (2009), tais sentimentos auxiliaram no processo de recuperação de Don. Ainda, a expectativa do trabalho como fator disciplinador, o reconhecimento dos pares da sua dedicação e correição, a obtenção de recompensas, tais como promoções e um curso de especialização pago pela empresa, vão ao encontro dos fatores levantados por Dejours (2012) e Molinier (2013) como geradores de sentidos positivos do trabalho.

A fase de manutenção da condição de abstinência surgiu com o novo papel social interpretado por Don na indústria em que trabalhou e com a sua nova percepção social a respeito dos colegas. Como observado no estudo de Monteiro (2012), o sucesso alcançado na aprovação de um concurso trouxe para Don retornos econômicos e morais, que afetaram positivamente a manutenção da abstinência. Além disso, as inteligências desenvolvidas mediante a mobilização para o trabalho (Dejours, 2012) também se revelaram positivas. O engajamento e, em seguida, o exercício da carreira acadêmica, mesmo não sendo a carreira inicialmente almejada para obtenção de estabilidade e retorno financeiro, fizeram parte da manutenção do tratamento quanto ao sentido de prazer no trabalho. Essa retomada de prazer naquilo que se faz, justifica a própria existência do dependente químico e seu conseqüente afastamento de problemas (Morse & Weiss, 1955).

## Conclusão até então

O método de história de vida permitiu a discussão de diferentes temas e o acesso a novos ambientes para a elaboração de pesquisas nas áreas de psicologia do trabalho, sentido do trabalho e estudos organizacionais. Tendo em vista que a teoria adotada sobre o sentido do trabalho possibilita observar a atividade laboral como atividade de transformação da natureza e construção do sujeito, torna-se possível considerar os diferentes sentidos atribuídos pelo trabalhador a partir da complexidade da sua trajetória. Tal afirmação se sustenta a partir da história de vida de Don, que, de certo modo, permitiu alcançar contribuição aos estudos sobre sentido do trabalho, ao ilustrar seu caráter dinâmico e suas possibilidades de transformação.

Diante do exposto, cabe acrescentar que estas transformações ocorrem em situações peculiares, que, no caso estudado, foram vivenciadas desde o desenvolvimento da dependência química até o tratamento e a manutenção da abstinência, permitindo que sentidos diferentes fossem atribuídos em cada um dos momentos vividos. Ademais, cabe acrescentar que não apenas as vivências diretas ao trabalho, mas também as ligações íntimas de suas relações sociais, conforme

demonstrado por Pinto, Carreteiro e Rodriguez (2015), passaram pelo complexo processo de transformação a partir das vivências de Don.

Sobre as mudanças de sentido atribuído aos trabalhos por Don, é importante mencionar que no seu primeiro emprego havia forte expectativa familiar e dele próprio em relação à sua capacidade. Desta forma, o trabalho rotineiro era visto como perda de capacidade.

Em seguida, o trabalho no banco foi visto como uma realização familiar e um projeto com possibilidade de dar certo, pois o pai de Don era um bancário bem sucedido, e ele também contava com o exemplo do avô. Ainda, o salário representava elemento importante no trabalho como bancário. Apesar disso, o trabalho rotineiro exercido no banco e a busca por metas de vendas foram apontados como fatores que podem ter levado Don a buscar uma forma de anestesiá-lo nos finais de semana daquilo que vivia durante a semana.

Desta forma, mesmo com a dependência química sendo uma doença que precisa de inúmeros fatores para o seu desenvolvimento, o trabalho possui uma parcela de responsabilidade na sua evolução. Sendo assim, um questionamento importante derivado da relação entre trabalho e dependência química é o do papel do trabalho em uma estrutura que desencadeia a dependência química. Inúmeros indivíduos trabalhavam no mesmo banco que Don e sob as mesmas condições, ou piores, mas não desenvolveram a doença devido a sua predisposição. Porém, foram as características de trabalho que o levaram a buscar um anestésico daquilo que vivia.

Com o início do uso de drogas, neste caso da maconha, e a evolução posterior da dependência química, emerge um fator importante relacionado ao sentido do trabalho na fala de Don: ele passou a utilizar argumentos diferentes com o objetivo de atender àquilo que a sua doença demandava, de acordo com as situações com as quais se deparava. Mais tarde, tais argumentos de adaptação foram vistos pelo próprio Don como formas de manipular as situações, e algumas vezes eram desconexos.

Um exemplo que ilustra adequadamente a conclusão descrita acima está relacionado ao seu pedido de demissão do banco no qual trabalhava como contratado, com o argumento de que não desejava ser como seu pai, para, posteriormente, buscar um estágio no banco em que o pai trabalhava. Fica evidente um conflito na sua argumentação, mesmo com a adesão ao estágio ocorrendo por uma demanda burocrática para concluir a graduação. O próprio Don afirmou no seu relato que o estágio possuía uma conotação de vadiagem. Essa percepção dele do estágio está relacionada à sua busca por um trabalho no qual pudesse consumir droga sem ser incomodado por cobranças.

Com base nos relatos de Don é difícil, inclusive, esclarecer se o trabalho possuía algum sentido para ele no momento da vida em que as drogas passaram a dominar as suas ações, ou se o sentido todo da sua vida se direcionava às drogas. Nesta fase, é possível verificar na necessidade que ele enxerga de ‘estar empregado’, mesmo que apenas como uma ilusão sua, como no caso do escritório da família, aquilo que Dejours (1998) afirma ser um desejo de não se considerar, ou se deixar ser considerado pela sociedade, alguém incapaz de trabalhar.

Após a sua última recaída e quando passou a trabalhar na indústria, Don vivenciou situações equivalentes ao que Dejours (1998) considera como a fantasia do trabalho e o aproveitamento por parte de seus superiores da sua condição. Ao afirmar que sua nota de desempenho era reduzida por seu tratamento, o gerente

não queria que Don deixasse o tratamento, mas garantir que ele trabalhasse mais no tempo que estava ali. A fantasia no trabalho se dá, no caso dele, pelo simbolismo que carrega a atividade simples de carregar caixa ou ser “orelha seca”, já que aquilo acabou se tornando o meio de evitar nova recaída. De certo modo, é possível perceber que o trabalho, nesse contexto, se apresenta como gerador de valor social (Magura, 2003; Morse & Weiss, 1955), contribuindo para a dinâmica na produção dos sentidos.

Neste momento da trajetória de Don, já é possível identificar um sentido atribuído por ele ao seu trabalho por meio do reconhecimento dos pares e do desenvolvimento de relações interpessoais e inteligências. Trata-se de um momento no qual ele passa a sentir o trabalho para além dos processos produtivos e na construção da sua subjetividade.

Por fim, acreditamos que o presente estudo traga um novo sentido para o trabalho desempenhado por indivíduos nessa condição, sentido este afastado do sentido hegemônico de retorno financeiro, já que, no caso do dependente químico em recuperação, o trabalho deve atingir um valor subjetivo muito maior do que o objetivo.

## Referências

- American Psychiatric Association. (2018). *DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed.
- Antunes, R. (1999). O mundo precarizado do trabalho e seus significados. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 2, 55-59. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v2i0p55-59>
- Antunes, R. (2015). *Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Boas, A. A. V., & Morin, E. M. (2016). Sentido do trabalho e fatores de qualidade de vida no trabalho: A percepção de professores brasileiros e canadenses. *Revista Alcance*, 23(3), 272-292. [http://dx.doi.org/10.14210/alcance.v23n3\(JulSet\).p272-292](http://dx.doi.org/10.14210/alcance.v23n3(JulSet).p272-292)
- Boas, A. A. V., & Morin, E. M. (2017). Qualidade de vida no trabalho: Um modelo sistêmico de análise. *Revista Administração em Diálogo*, 19(2), 62-90. <https://doi.org/10.20946/rad.v19i2.31720>
- Borges, L. de O., & Yamamoto, O. H. (2014). Mundo do trabalho: Construção histórica e desafios contemporâneos. In J. C. Zanelli, J. E. Borges-Andrade, & A. V. B. Bastos (Orgs), *Psicologia, organizações e trabalho no Brasil* (2a ed., pp. 25-72). Porto Alegre: Artmed.
- Bottomore, T. (1988). *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Brackett, C. (Producer), & Wilder, B. (Director) (1945). *The lost weekend*. United States: Paramount Pictures.

- Brandão, L. G. V. A., Teixeira, C. C., Afonso, T. C., Amaral, R. T., & Bezerra, A. L. Q. (2019). O sentido do trabalho na atenção primária à saúde. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 11(8), e528, 1-8. <https://doi.org/10.25248/reas.e528.2019>
- Büchele, F., Marcatti, M., & Rabelo, D. R. (2004). Dependência química e prevenção à “recaída”. *Texto & Contexto Enfermagem*, 13(2), 233-240.
- Burrell, G., & Morgan, G. (2017). *Sociological paradigms and organisational analysis: Elements of the sociology of corporate life*. London: Routledge.
- Campos, G. M. de, & Ferreira, R. F. (2007). A importância da legitimação social na (re) construção da identidade de um alcoolista. *Estudos de Psicologia*, 24(2), 215-225. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2007000200008>
- Crauss, R. M. G., & Abaid, J. L. W. (2012). A dependência química e o tratamento de desintoxicação hospitalar na fala dos usuários. *Contextos Clínicos*, 5(1), 62-72. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2012.51.07>
- Dejours, C. (1998). *A loucura do trabalho: Estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez.
- Dejours, C. (2012). *Trabalho vivo: Trabalho e emancipação*. Brasília: Paralelo 15.
- Enriquez, E. (2001). Instituições, poder e “desconhecimento”. In J. N. G. Araújo & T. C. Carreiro (Orgs.), *Cenários sociais e abordagem clínica* (pp. 49-74). São Paulo: Escuta.
- Ferreira, A. C. Z., Borba, L. de O., Capistrano, F. C., Czarnobay, J., & Maftum, M. A. (2015). Fatores que interferem na adesão ao tratamento de dependência química: Percepção de profissionais de saúde. *Revista Mineira de Enfermagem*, 19(2), 150-156. <https://doi.org/10.5935/1415-2762.20150032>
- Gaviraghi, D., Antoni, C. de, Amazarray, M. R., & Schaefer, L. S. (2016). Medicalização, uso de substâncias e contexto de trabalho em bancários do Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 16(1), 61-72. <https://doi.org/10.17652/rpot/2016.1.702>
- Goldenberg, M. (2007). *A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. 10a ed. Rio de Janeiro: Record.
- Gomes, W. R., & Santos, E. C. dos. (2019). O sentido do trabalho para gestores de lojas em shopping center: O caso de uma cidade de feirantes. *Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 6(17), 1035-1078. <https://doi.org/10.25113/farol.v6i17.4197>
- Herzog, A., & Wendling, M. I. (2013). Percepções de psicólogos sobre os familiares durante o tratamento de dependentes químicos. *Aletheia*, 42, 23-38.
- Irigaray, H. A. R., Oliveira, L. B., Barbosa, E. S. T., & Morin, E. M. (2019). Vínculos profissionais e sentido do trabalho: Uma pesquisa com professores do ensino superior. *Revista de Administração Mackenzie*, 20(1), 1-27. <https://doi.org/10.1590/1678-6971/eramg190070>

- Jahoda, M. (1987). *Emprego y desempleo: Un análisis socio-psicológico*. Madrid: Ediciones Morata.
- Lima, I. S., Paliarin, M. M., Zaleski, E. G. F., & Arantes, S. L. (2008). História oral de vida de adolescentes dependentes químicos, internados no setor de psiquiatria do Hospital Regional de Mato Grosso do Sul para tratamento de desintoxicação. *Revista Eletrônica Saúde Mental, Álcool e Drogas*, 4(1), 1-11.
- Lima, M. P. de, Tavares, N. V., Brito, M. J., & Cappelle, M. C. A. (2013). O sentido do trabalho para pessoas com deficiência. *Revista de Administração Mackenzie*, 14(2), 42-68. <https://doi.org/10.1590/S1678-69712013000200003>
- Lopes, F. T. (2013). *Entre o prazer e o sofrimento: histórias de vida, drogas e trabalho* (Tese de Doutorado). Faculdade de Ciências Econômicas, Centro de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Lopes, F. T., & Paula, A. P. P. de. (2017). Entre a bebida e a atividade de doméstica: Um estudo sobre a relação entre o uso de drogas e o trabalho. *Revista Gestão & Conexões*, 6(1), 15-39. <https://doi.org/10.13071/regec.2317-5087.2014.6.1.12148.15-39>
- Maciel, S. C., Melo, J. R. F. de, Dias, C. C. V., Silva, G. L. S., & Gouveia, Y. B. (2014). Sintomas depressivos em familiares de dependentes químicos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 16(2), 18-28. <http://dx.doi.org/10.15348/1980-6906/psicologia.v16n2p18-28>
- Magura, S. (2003). The role of work in substance dependency treatment: A preliminary overview. *Substance Use & Misuse*, 38(11-13), 1865-1876. <https://doi.org/10.1081/JA-120024244>
- Magura, S., Staines, G. L., Blankertz, L., & Madison, E. M. (2004). The effectiveness of vocational services for substance users in treatment. *Substance Use & Misuse*, 39(13-14), 2165-2213. <https://doi.org/10.1081/JA-200034589>
- Marangoni, S. R., & Oliveira, M. L. F. de. (2012). Uso de crack por múltipara em vulnerabilidade social: História de vida. *Ciência, Cuidado e Saúde*, 11(1), 166-72. <https://doi.org/10.4025/ciencucuidsaude.v11i1.18874>
- Molinier, P. (2013). *O trabalho e a psique: Uma introdução à psicodinâmica do trabalho*. Brasília: Paralelo 15.
- Monteiro, R. M. P. (2012). A 'carreira moral' de jovens internos em instituições de recuperação para dependentes químicos. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, 5(1), 131-155.
- Morin, E. M. (2001). Os sentidos do trabalho. *Revista de Administração de Empresas*, 41(3), 8-19. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75902001000300002>
- Morse, N. C., & Weiss, R. S. (1955). The function and meaning of work and the job. *American Sociological Review*, 20(2), 191-198. <https://doi.org/10.2307/2088325>

- Nóbrega, M. do P. S. S., & Oliveira, E. M. de. (2005). Mulheres usuárias de álcool: Análise qualitativa. *Revista de Saúde Pública*, 39(5), 816-823. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102005000500018>
- Oliveira, M. da S., Laranjeira, R., Araujo, R. B., Camilo, R. L., & Schneider, D. D. (2003). Estudo dos estágios motivacionais em sujeitos adultos dependentes do álcool. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(2), 265-270. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722003000200006>
- Oliveira, E. B. de, Santos, M. B. dos, & Guerra, O. de A. (2019). O trabalho como estratégia de reinserção psicossocial do dependente químico sob a ótica da família. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, 21, 23-30. <http://dx.doi.org/10.19131/rpesm.0234>
- Pinto, B. de O. S., Carreiro, T. C. O. C., & Rodriguez, L. da S. (2015). Trabalhando no "entre": A história de vida laboral como método de pesquisa em psicossociologia. *Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 2(5), 976-1022. <https://doi.org/10.25113/farol.v2i5.3129>
- Prochaska, J. O., & DiClemente, C. C. (1983). Stages and processes of self-change of smoking: toward an integrative model of change. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 51(3), 390-395. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.51.3.390>
- Rocha, B. B. da, & Martins, J. F. G. (2019). Identidade e o sentido do trabalho em comunidade autossustentável [Edição Especial]. *Revista Brasileira de Iniciação Científica*, 6(5), 77-88.
- Rodrigues, A. L., Barrichello, A., & Morin, E. M. (2016). Os sentidos do trabalho para profissionais de enfermagem: Um estudo multimétodos. *Revista de Administração de Empresas*, 56(2), 192-208. <https://doi.org/10.1590/S0034-759020160206>
- Rodrigues, A. F., Quilião, P. L., Pinheiro, L. S. M., Carneiro, C. M. G., Carneiro, C. F. G., & Péres, D. P. S. (2016). Identificação de uso de álcool em bancários. *Revista Eletrônica Saúde Mental, Álcool e Drogas*, 12(4), 207-213. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1806-6976.v12i4p207-213>
- Silva, A. P., Barros, C. R., Nogueira, M. L. M., & Barros, V. A. (2007). Conte-me sua história": Reflexões sobre o método de história de vida. *Mosaico: Estudos em Psicologia*, 1(1), 25-35.
- Sousa, P. F., Ribeiro, L. C. M., Melo, J. R. F. de, Maciel, S. C., & Oliveira, M. X. (2013). Dependentes químicos em tratamento: Um estudo sobre a motivação para mudança. *Temas em Psicologia*, 21(1), 259-268. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2013.1-18>
- Tolfo, S. da R., & Piccinini, V. C. (2007). Sentidos e significados do trabalho: Explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros [Edição Especial 1]. *Psicologia & Sociedade*, 19, 38-46. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000400007>

Tuller, N. G. P., Rosa, D. T. de M., Polli, M. C. S. de, & Catelan-Mainardes, S. C. (2009). Os sofrimentos e danos biopsicossociais de dependentes químicos em recuperação. *Revista Cesumar - Ciências Humanas e Sociais Aplicadas*, 14(1), 137-174.